

Vendo pobreza e saudades



JOSÉ SARNEY
Senador do
Amapá pelo
PMDB,
foi presidente
da República

Nova York. Viajar não é somente conhecer, é também reconhecer. Há 45 anos visitei os Estados Unidos pela primeira vez como observador na 16ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Era o tempo da descolonização. Caía o velho sistema dos impérios, com países explorados por outros, ricos, quase todos na Europa, os segundos e os primeiros na África. No Oriente Médio, os ingleses, ganhadores da Segunda Guerra Mundial, viam cair os seus protetorados, encharcados em bacias gigantes de petróleo.

Testemunhei o desfile daqueles sultões de vestes barrocas e coloridas pelos corredores da ONU, com grandes séquitos em busca dos seus califados perdidos. Hoje se chamam Oman, Kuwait, Yemen, Bahrain, Qatar, Emirados Árabes Unidos e são potências de consumo, paraísos dos novos arquitetos que ali constroem catedrais do mundo moderno, com todos os excessos que o dinheiro faz.

Era o tempo do sonho americano, o american dream. Ainda havia o cheiro residual da belle époque, já misturado com o medo do confronto nuclear e a vergonha das pedras do muro de Berlim.

Hoje, na área da inteligência americana, o sonho é outro. Criar um sonho. Nenhuma nação no mundo conseguiu realizar-se como os Estados Unidos, mas eles perderam aquele brilho quase sobrenatural, que nos fascinava com o seu estilo de vida e seus ideais, à frente deles, o deus da liberdade.

Seus problemas são bem mais complexos que os nossos. Não está resolvido o problema racial que agora une negros, hispânicos e imigrantes, os mais temidos deles os muçulmanos.

Há certo cansaço com o desejo de consumir. Betsy Taylor chegou a falar mesmo numa nação de obesos. A fome mata em outras partes do mundo, a comida aqui faz o mesmo, com as doenças e a cultura do fast food.

As soluções da modernidade causam nostalgia. Todos se sentem sufocados pela falta de tempo. O automóvel deixou de

ser a aspiração primeira. Quanto mais aumenta a oferta dele, diminui a de ruas. Há falta de ar, há falta de ócio.

Terreno fértil para conversa são a guerra no Iraque e o Katrina. A primeira por ser um beco sem saída, apenas um veículo do presidente para legitimar-se depois de uma eleição fraudada e para afirmar-se como líder. Nenhum dos pressupostos da guerra sobreviveu à mentira. Para depor um tirano como Saddam, dois mil soldados já morreram,

bilhões e mais bilhões de dólares estão sendo gastos.

Depois, a face da miséria que o Katrina mostrou. Só agora descobriram que 37 milhões de americanos são pobres, que 1,1 milhão de pessoas, no ano passado, engrossaram as mazelas da pobreza e que 28% da população de Nova Orleans vive abaixo da linha de pobreza. E eles não sabem como lidar com a pobreza. Daí o desastre do governo em enfrentar a catástrofe. Os índices de renda per capita e IDH não representam na-

da sem se olhar as desigualdades.

Faço essas evocações porque aqui estou, entre saudades e pobreza, vivendo a emoção de lançar o meu livro, *O dono do mar*, em edição americana da Aliform Publishing, com tradução de Gregory Rabassa, o mesmo que traduziu Jorge Amado, Guimarães Rosa e García Márquez.

Mas nem tudo são espinhos. Esta é ainda a terra da liberdade, dos direitos humanos e da busca da felicidade, que permanece desde os tempos de Jefferson.

